

CAPICUA E BOURDIEU: ENTRE O RAP E A SOCIOLOGIA

PAULA GUERRA

Licenciatura em Sociologia (1.º ciclo) | Correntes Atuais da Sociologia II



MUSICA, RAP, SOCIOLOGIA E BOURDIEU

CAPICUA
Socióloga, Rapper

27 de maio | 10h30 | Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Sala 210 | Entrada Livre

U PORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Bourdieu viaja para Vayorken: uma aproximação à teoria da prática de Capicua

Capicua
Socióloga, Rapper

19 maio 2015 | 11h30 - 12h30 | Sala 210, FLUP
ENTRADA LIVRE

Organização
Paula Guerra

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
1.º Ciclo Sociologia
Unidade Curricular: Correntes Atuais da Sociologia II



**Capicua e Bourdieu:
entre o rap e a sociologia**
© Paula Guerra, 2017

Projeto Pedagógico da Unidade Curricular
Correntes Atuais da Sociologia II
2012-2017

Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
ISBN 978-989-99966-2-5

1. O que une Capicua a Bourdieu?

Ouve o que eu te digo,/ Vou-te contar um segredo,/ É muito lucrativo que o mundo tenha medo,/ Medo da gripe,/ São mais uns medicamentos,/ Vem outra estirpe reforçar os dividendos,/ Medo da crise e do crime como já vimos no filme,/ Medo de ti e de mim,/ Medo dos tempos,/ Medo da multidão,/ Medo do chão e do tecto,/ Medo da solidão,/ Medo de ficar gordo velho e sem um tostão,/ Medo do olho da rua e do olhar do patrão e medo de morrer mais cedo do que a prestação,/ Medo de não ser homem e de não ser jovem,/ Medo dos que morrem e medo do não!! Medo de Deus e medo da polícia,/ Medo de não ir para o céu e medo da justiça,/ Medo do escuro, do novo e do desconhecido,/ Medo do caos e do povo e de ficar perdido,/ Sozinho,/ Sem guito e bem longe do ninho,/ Medo do vinho,/ Do grito e medo do vizinho (Medo do Medo, Capicua, 2012)

La sociologie est en sport de combat, documentário editado em 2001 e dirigido por Pierre Carles, aborda as atividades profissionais de Pierre Bourdieu de 1998 a 2001. Porém, e ao contrário de muitos documentários e registos filmográficos sobre intelectuais, este registo documental está longe de ser um simples retrato de Bourdieu e, mais importante, não transparece qualquer deslize hagiográfico, o que, sejamos sinceros, seria algo irónico num autor que tanto abordou e criticou esta problemática (apesar de ser visível o fascínio que o realizador possui pelo analisado e também de uma certa queda de Bourdieu, nos seus trabalhos, para o pecado de uma adesão à ideologia carismática que tanto critica (Burawoy, 2012).

É de salientar que Pierre Bourdieu, especialmente nos anos 1990, deteve um espaço muito relevante no meio político-mediático francês, primeiro com o lançamento de *A Miséria Humana*, em 1993, que lhe permitiu alargar o seu público para além da esfera académica, e com a sua participação a favor pelos movimentos grevistas franceses em 1995. Ainda mais em 1997, com a obra *Sobre a Televisão*, que o tornou inimigo fidalgal do mundo mediático francês¹. Uma acérrima intervenção crítica perante o liberalismo económico e globalização, não deixando, porém, de ser um universalista. Estamos perante um registo documental que captura o intelectual *engagé*, na linha de outros intelectuais franceses como Jean-Paul Sartre e Michel Foucault, e que levava a sociologia para fora do espaço académico, uma junção da teoria com a prática. Uma sociologia que serviria como desporto de combate, sempre numa posição defensiva, contra a dominação simbólica, contra a imposição de categorias de pensamento que delimitam o universo dos possíveis dos agentes, que com o tempo se tornam evidências e simples senso comum.

Vemos o autor, numa interessante sequência, a admitir que nada entende de uma carta de Jean-Luc Godard, ou as suas dificuldades perante uma audiência manifestamente hostil de um *banlieue* em que o intelectualismo e a sociologia, ou uma certa sociologia como refere Bourdieu, não passa de uma ramificação da ordem dominante. De igual modo, é possível observar a forma como a sociologia prática bourdeusiana foi recebida, como esta afetou a vida e a cosmologia das pessoas, de movimentos sociais, etc. Talvez seja interessante regressar ao auditório no *banlieue* atrás mencionado, em que Bourdieu é assoviado e acusado de ser apenas mais um que vinha visitar e lançar umas palavras relativamente à miséria dos subúrbios. Bourdieu, e aqui é que se encontra uma das linhas-mestras do filme e da sua teoria, responde:

¹ Ver o obituário no jornal *Público* aquando da morte de Pierre Bourdieu para uma análise mais detalhada da importância da obra de Bourdieu em França (Pedro, 2002).

Eu acho que entre os fatores que explicam o facto de o movimento social não ser organizados relaciona com o anti-intelectualismo. (...) Tenham cuidado para não deixar que a vossa indignação – legítima– vos cegue e vos prive de meios de conhecimento (...). [Por exemplo] se vocês se recusarem a ler A dupla ausência de A.Sayad – (...) um dos maiores sociólogos da emigração/imigração (...) – sob o pretexto de que é um intelectual, que utiliza grandes palavras, que fala de assimilação/integração - tal é uma asneira (...). Não se privem destes recursos intelectuais sob o pretexto de que as coisas vêm de intelectual; não é uma doença ser um intelectual.

Ou seja, é uma obra pró-intelectual (Truc, 2002), uma resposta que é ainda mais premente nos dias de hoje em que o anti-intelectualismo grassa e em que as opiniões aparecem cada vez mais niveladas numa suposta democraticidade orientada para um *aplausímetro* ou número de *likes*.

La Sociologie est un sport de combat

Classificação: M12

País: França

Ano: 2001

Género: Documentário

Duração: 146m

Realização: Pierre Carles



Sinopse: Pierre Carles segue o trabalho de Bourdieu durante três anos. Há quem diga que é um filme austero que rompe com as normas das produções jornalísticas, e que é um filme austero porque o trabalho de reflexão é austero. E mais: "se o filme não esclarece nada sobre o homem Bourdieu - para lá do humor que ele revela ter -, o trabalho crítico do sociólogo toma corpo aos nossos olhos, a sociedade mediática, o neoliberalismo, as relações de poder, a dominação, a aceitação do mercado.

Como relacionamos Capicua com o visionamento do documentário? Porque a Capicua se tem tornado uma figura pública, porque é socióloga e porque é rapper. Assim, enfrenta nos dias de hoje os dilemas bourdesianos de modo mais amplificado. Recusa-se a esvaziar o seu *hip-hop*. Quer escrever sempre para contar histórias, para denunciar, para *ter a palavra*. Assim, o visionamento e debate crítico do documentário acerca de Bourdieu tem levado à presença reflexiva de Capicua a comentá-lo e a fazer interligações entre a sua obra e a de Bourdieu no quadro das atividades pedagógicas da Unidade Curricular de Correntes Atuais da Sociologia II inserida no plano curricular do primeiro ciclo de estudos em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

2. Pierre Bourdieu e a sociologia como desporto de combate

A carreira de Pierre Bourdieu nunca descurou uma participação pública e política: desde os seus trabalhos com Jean-Claude Passeron, nos anos 1960, sobre o ensino francês como motor de reprodução social, estabelece uma ligação com o que Burawoy apelida de *sociologia pública*. Este tipo de sociologia, social e politicamente envolvida, vai em encontro à ideia bourdesiana de uma sociologia como desporto de combate, isto é, uma sociologia que além de servir para descultar todas as *doxas* e dominação não percecionadas como tais, também uma sociologia que tenha efeitos práticos nas vidas dos indivíduos, que muda a forma de percecionar dos indivíduos. Melhor dizendo:

Eu digo várias vezes que a sociologia é um desporto de combate, uma forma de defesa. Basicamente, tu utiliza-la para te defenderes, sem teres o direito de a usar para ataques desonestos (Bourdieu (2001) - A Sociologia é um desporto de combate).

Uma problemática cada vez mais relevante na encruzilhada atual em que se encontra a Sociologia. Para Burawoy (2006) a sociologia atual perdeu o rumo que os seus pioneiros lhe atribuíam, isto é, uma capacidade para mudar o mundo, de defender uma justiça social capaz de melhorar a vida em sociedade. Com a institucionalização da sociologia, com o desenvolvimento de uma cultura sociológica específica, o que se constatou foi um estreitar dos tópicos a abordar, muito por causa da excessiva importância dada às carreiras académicas. Mas para o autor este é o momento de mudança, marcado por uma forte viragem à direita no campo político, de uma privatização de tudo na vida social, mas que, por isso mesmo, também provocou uma contrarreacção de uma sociologia crítica, que busca o regresso da sociologia à sua fonte de conhecimento: os públicos.

Com a aposta em políticas de pendor neoliberal, a sociologia passa a ser entendida como secundária, que além de não produzir valor económico, é também vista como uma ciência que incomoda. E em consequência disso, o Estado deixa de ser um público privilegiado. O resultado? A sociologia deve procurar os seus próprios públicos e dar-lhes respostas e com isso ganhar capacidade de influenciar as decisões políticas. Desta forma, a força da sociologia pública viria não do topo, mas da base (Burawoy, 2006: 40-41). É o que o autor apelida de *sociologia pública*.

Esta sociologia é vista como um movimento de duplo sentido: a sociologia vai buscar a base das suas investigações aos públicos, mas tem também a obrigação de devolver o conhecimento adquirido, conhecimento que deverá ter impactos positivos nesse público, não necessariamente a nível material, mas sim a nível simbólico, na descoberta de leis ocultas, geralmente vistas como *naturais* e como um *destino*. A relação é, portanto, dinâmica, ocorrendo o conhecimento atualmente numa *ágora*, onde existe uma discussão sobre esses conhecimentos, que passam a ter de ser, por um lado, cientificamente válidos, e, por outro, *socialmente robustos* (Almeida, 2007: 20).

A institucionalização da sociologia no meio universitário, que levou a uma padronização das carreiras académicas, dos cursos e métodos de ensino, teve o efeito de afastar progressivamente os estudantes daquilo que os chamou à sociologia: os seus compromissos morais (Burawoy, 2006: 26). O que pode acabar por fechar os sociólogos numa *torre de marfim*. Contudo, isto é um lado da moeda da autonomia do campo da sociologia, que sim afasta de certa forma os sociólogos dos seus públicos, mas que, por outro lado, ganha uma autonomia em relação a outras esferas sociais e forças exteriores, o que tem de ser visto como algo positivo (Scott, 2005: 406-407).

É importante realçar que a abordagem de Burawoy remete para a realidade norte-americana, e que as relações de força que atravessam o campo da sociologia variam de país para país. Cada campo nacional dependerá de fatores como o nível de institucionalização, a conjuntura, a posição do campo sociológico no espaço social, etc. E enquanto no contexto americano o autor fala de uma clara hegemonia da sociologia política e profissional, que veem a dimensão reflexiva da sociologia como uma posição ideológica e pouco científica, a verdade é que sobre a realidade portuguesa, Burawoy (2007) fala de uma interdependência *vibrante* entre os quatro conhecimentos, existindo, por essa mesma razão, uma *dualidade* na sociologia portuguesa: a profissionalização do sociólogo não remete apenas para a academia, mas de igual modo para várias esferas da sociedade civil (Burawoy, 2007: 142).

São os países semiperiféricos, como Portugal, que, segundo Burawoy, possuem um papel fulcral no que apelida de *terceira fase* da sociologia, pois são os países que estão mais bem posicionados para levar a cabo uma contrarreacção face ao neoliberalismo e privatização de tudo; para apostar nos públicos como audiência preferencial e procurar formar uma sociedade civil global e, com isso, influenciar as sociologias dos países centrais (Burawoy,

2007: 145). Contudo, o autor admite que esta possibilidade pode embater na divisão internacional do trabalho sociológico e suas hierarquias, pois tal como se pode constatar na circulação do conhecimento científico, este ocorre quase unicamente do centro para a periferia.

Temos de levar em conta uma questão: toda esta discussão sobre sociologia pública será inútil se não existir um público disposto a ouvir os sociólogos. Neste momento não parece que o exista. Sendo assim, como fazer que as pessoas se interessem pelo que os sociólogos têm a dizer? A resposta mais rápida, e mais usual, seria a de *deixar de usar o jargão, simplificar a leitura*, etc. Scott (2005) constata que seria interessante dizermos o mesmo a um biólogo, e, mais importante, apesar do uso de jargão e terminologia específica, a verdade é que existem várias obras de biologia que são *bestsellers*. Por outro lado, se optarmos por *facilitar* a leitura, abandonarmos toda a terminologia própria da sociologia, é provável que a resposta do público seja um *isto é básico*. Portanto, a resposta está longe de ser fácil, mas talvez passe por demonstrar que a sociologia, apesar da sua complexidade, vale a pena, sendo que é na sua complexidade onde se encontra o seu valor (Scott, 2005: 408).

Assim sendo, inegável que a sociologia precisa de se basear em dados cientificamente validados, que não deve ceder à tentação de opinar sobre tudo sem qualquer reflexividade, acabando apenas por reafirmar as mesmas pré-noções apenas com uma vestimenta intelectualizante; nem que a investigação sociológica se deva guiar por voto democrático, como refere Bourdieu, ou de acordo com o *aplusímetro* (Almeida, 2007: 22) ou a chamada *sociologia de caridade* (Bourdieu, Passeron & Chamboredon (1999), mas isso também não implica que os sociólogos tenham de se *expurgar* de todos os seus valores e princípios na sua relação com a sociedade.

Reportando-nos à situação atual de crise económica, estas questões tornam-se mais prementes, pois espera-se que os sociólogos elaborem uma análise rápida dos problemas e, se possível, uma receita, também rápida, para resolver os problemas. Mas quando se fala da crise, e seus efeitos, é preciso levar em consideração que principalmente quando a explicação económica não surte efeito para impor a ideia que *não existe alternativa*, entra em cena uma explicação moral, baseada na culpabilidade dos agentes sociais, dos seus gastos desenfreados que, agora, originam uma *penitência*, isto é, a necessidade de viver *à medida das suas possibilidades*.

É esta naturalização e legitimação da crise que o sociólogo precisa de desconstruir, mas tal só será possível se conseguir resistir à pressão imediatista dos *media* e não cair na *tudologia*, isto é, como refere Bourdieu, falar e escrever sobre tudo, sempre levemente, tendo respostas rápidas e fáceis para todos os problemas, sem qualquer suporte empírico, agrupando as várias pré-noções existentes e dar-lhes uma *roupagem* científica. Ao falar da análise sociológica sobre a política, mas o mesmo se pode dizer sobre momentos de crise económica, Bourdieu referia que a *ilusão da compreensão imediata* é o principal obstáculo à compreensão do mundo social, algo que deve ser combatido elaborando uma génese das estruturas objetivas que se procura analisar, para assim *desocultar* as leis em que a estrutura social se baseia (Bourdieu, 1988: 2-4).

Existe, portanto, um equilíbrio que o sociólogo precisa de respeitar ao nível da inserção da sociologia no debate público, especialmente no momento de crise atual, onde, apesar da importância e fecundidade do postulado de sociologia pública, é necessária uma preocupação dos sociólogos para não se tornarem meros comentadores de tudo e mais alguma coisa. Pinto (2013), por essa razão, não se coíbe de oferecer algumas orientações epistemológicas para a sociologia perante a crise, e que, se cumpridos, podem ter resultados positivos na imagem social que a sociedade tem dos sociólogos. Primeiro, postular uma *historicidade* e *pluridimensionalidade* dos fenómenos sociais em causa, que

permite, desta forma, um afastamento perante a urgência, bem como rompendo com as explicações a-históricas e unidimensionais que procurem explicar várias problemáticas sociais; segundo, uma análise cuidada das causas; terceiro, recorrer à *problematização teórica* quando for necessário analisar um problema social, quer dizer, utilizar o *corpus teórico* acumulado ao longo da história da disciplina (Pinto, 2013: 141-143).

Como Pinto (2013) tem o cuidado de salientar, isto não é uma reação aristocrática contra a sociologia pública, longe disso, apenas a necessidade de refletir sobre uma problemática, de pensar e ponderar sobre o assunto, o que não se coaduna de todo com a lógica imediatista dos meios de informação atuais. Nem tudo consegue ser explicado em cinco minutos, e em muitos casos quando o são, estamos a falar de respostas fáceis para problemas complexos, que podem ser bastante reconfortantes quer para quem o postula quer para quem o ouve, mas que, grosso modo, estão completamente erradas. Problemas complexos requerem respostas complexas, e a sociologia, com a sua tradição de análise dos problemas sociais como fenómenos sociais totais, é capaz de contribuir, em parte, para essa resposta, apenas e unicamente se conseguir evitar cair na armadilha do imediatismo mediático.

Torna-se assim necessário realizar quer uma *psicanálise do espírito científico*, como defende Gaston Bachelard, quer uma *dúvida radical*, como postula Bourdieu, para que o sociólogo elabore uma autorreflexividade sobre as noções e conceitos que se vão progressivamente introduzindo no discurso científico (como *empregabilidade, colaboradores, etc.*) sem uma verdadeira análise crítica e historicização, o que faz com que os próprios cientistas sociais, inconscientemente, usem noções e conceitos pouco claros e que por isso mesmo deviam provocar uma desconfiança sociológica imediata.

Claro que aqui podemos levantar a questão: se assim for, os sociólogos não vão ser ouvidos. Uma possível resposta é que se a sociologia ceder, o resultado será apenas uma mera *sociologia espontânea*, que nada contribuirá para esclarecer a situação atual. Como refere Wittgenstein, e talvez os sociólogos devam ter esta máxima em consideração: *do que não se pode falar deve se calar*.

Tudo isto se interliga com a análise desenvolvida por Becker (1967), em que este refere que a eterna dúvida dos sociólogos, isto é, ser neutro ou tomar partido, na verdade não existe, já que para existir teríamos de aceitar a premissa que é possível levar a cabo uma investigação sem levarmos em conta os nossos interesses e empatias. A questão, portanto, deve ser: *De que lados estamos?*, o que está extremamente próximo das duas questões levantadas por Bourdieu ao longo da sua obra académica e ativismo social.

3. Combate, rap e sociologia²

O meu nome é Ana, mas no mundo da música sou mais conhecida por Capicua. Nasci no Porto (centro da cidade) em 1982. Estudei Sociologia no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa e fiz um Doutoramento em Geografia Humana na Universidade Barcelona. Sou mulher, branca, filha de pais escolarizados e neta de avós escolarizados. Infância feliz, criança normal, nenhum percalço digno de nota. Tudo linear, até que, perto dos 30 anos me apercebo, pela primeira vez, que talvez possa ser considerada um ser “exótico”. Num daqueles exercícios ao estilo “Rua Sésamo”, em que entre alguns objetos se identifica qual deles está desintegrado do conjunto: uma maçã, uma pera, uma banana e um sapato... Pelos vistos, eu sou o sapato. O mais irónico é que eu sempre me senti uma laranja. Escolhi

² Texto de Capicua aka Ana Matos Fernandes publicado sob o título “A lógica da exceção: *hip hop*, género e a minha relação com os média” em 2015.

a minha fruteira, acomodei-me entre um kiwi e um cacho de uvas, fui bem recebida por todo o “tutti frutti” e só agora me apercebo (pelos olhares externos) que há quem ache que eu não pertença ao meu conjunto.

Passo a explicar...

Comecei a fazer graffiti com 15 anos e descobri o *hip hop*. Passei a frequentar festas de *rap*, construí o meu grupo de amigos dentro dessa cultura, cresci a ouvir a primeira geração de *rappers* do Porto e formei a minha identidade de adolescente dentro da tribo, orgulhosamente. Anos mais tarde, comecei a escrever as minhas próprias rimas, formei uma banda com alguns amigos, gravei EP's e Mixtapes, ensaiei muito, organizei concertos para dar concertos e cumpri todo o percurso que um *rapper underground* deve fazer, para espalhar o seu nome pela cena *hip hop* nacional. O *hip hop* ensinou-me muita coisa e foi a ele que dediquei quase todo o meu tempo livre. Foi com ele que me rotulei nos anos da minha adolescência, numa rebeldia contra os rótulos que externamente se impunham. Foi com ele que criei uma relação estreita com a minha cidade e com a língua portuguesa. Foi com ele que percebi a força das palavras e o quanto é revolucionário elevar a nossa linguagem quotidiana, o nosso calão e as nossas referências locais, a matéria-prima para a criação artística.

Foi com ele que aprendi a ética da autossuperação e que estimei o espírito de iniciativa, numa espécie de *do-it-yourself* (DIY) militante que me anima até hoje. Foi com ele que percebi que a competitividade saudável entre pares é o melhor combustível para a permanente evolução técnica, sobretudo quando não contamos com apoios externos. E foi com ele que tomei consciência que qualquer um pode fazer música, mesmo sem tocar instrumentos, mesmo sem saber ler pautas, mesmo sem ter voz para cantar, mesmo sem grandes estúdios, mesmo sem editoras, quase sem nada. Foi o *hip hop* que me mostrou a possibilidade de (poder) fazer música e foi ele que deu sentido à minha escrita. Posso dizer que é, até hoje, o meu *habitat* natural, onde me sinto identitária e confortavelmente integrada e que tenho muito orgulho nisso.

Em 2012, finalmente, editei o meu primeiro LP em nome próprio, através de uma plataforma editorial chamada “Optimus Discos”, que me deu apoio na promoção e assessoria de imprensa. E foi a partir daí que a minha música atingiu um público bem mais abrangente, saindo do meio *hip hop* e entrando nos circuitos habituais de divulgação da música portuguesa. Foi também aí que fui descoberta pelos média, o que deu um ótimo destaque ao meu trabalho. Fui solicitada para largas dezenas de entrevistas, nos mais variados meios de comunicação, recebi ótimas críticas ao álbum, que acabou por figurar nos lugares cimeiros de quase todas as listas de “melhores discos do ano” de 2012. Nunca poderia ter previsto todo este burburinho e aceitação, mas confesso que foi bastante motivador e reconfortante. Em março de 2014 chegou o segundo disco - “Sereia Louca” (editado pela Valentim de Carvalho) e o interesse mediático não só se manteve, como aumentou, o que tem sido uma ótima ajuda na promoção do meu trabalho. Voltaram as entrevistas, as críticas favoráveis e um interesse notório em dar visibilidade, não apenas à minha música, mas também à minha pessoa, à minha *persona*, à minha história, opinião, exemplo, etc.

O que é certo é que foi nessa relação com os média, quer pelo trato com os jornalistas e suas perguntas, quer avaliando o resultado do seu trabalho, lendo os artigos e as críticas à minha música, que me apercebi de que boa parte do seu interesse por mim derivava da sua curiosidade perante o meu (até então inconsciente) exotismo. Era mulher, branca, muito escolarizada, do Porto, com cerca de 30 anos e, por tudo isso, parecia-lhes estranho que fosse *rapper*. Destacando-se o género como o principal pilar dessa estranheza e da consequente construção mediática da “identidade de exceção” que aparentemente me cabe, perguntam-me recorrentemente como é para mim ser mulher no *hip hop*. E depois

de me familiarizar com a omnipresença da pergunta e com a necessidade de repetir a resposta (em que explico que ser mulher no *rap*, além de não ser assim tão relevante musicalmente, a ser um fator diferencial, é certamente uma vantagem, por sermos poucas e termos mais visibilidade), tomei consciência que os guiões de entrevista habituais e algumas das críticas comparativas mais comuns revelam os pequenos e grandes mitos que cismam em pairar sob o *hip hop*. Apercebi-me que o estereótipo de “rapper”, do qual frequentemente partem para avaliar o meu trabalho e, sobretudo, a mim enquanto MC, não só é muito estreito como é bastante preconceituoso. Obviamente que nem todos os jornalistas com quem tive contacto partilham destas representações e que, alguns deles, são apreciadores de *hip hop* e conhecedores da cultura, mas posso dizer que há uma tendência clara para a depreciação do género (que certamente ultrapassa a classe profissional para ser partilhada por muito mais gente, nomeadamente dentro da própria indústria musical).

Assim sendo, e resumindo muito, os mitos que mais vezes puseram “as garras de fora” são os seguintes:

1. Os *rappers* são todos homens / o *hip hop* é um meio misógino.
2. Os *rappers* são quase todos negros / o *hip hop* é um meio marginal.
3. Os *rappers* são todos dos bairros sociais / o *hip hop* é suburbano.
4. Os *rappers* são todos semi ignorantes e falam mal português.
5. Os *rappers* são materialistas, vaidosos e gostam de ostentar.
6. O *rap* é lírica e musicalmente desinteressante e muito repetitivo.
7. Só há um estilo de *rap* com valor: o chamado “rap de intervenção”, a crítica social.

Destes mitos posso dizer (falando do *hip hop* português) que, apesar de ser um meio eminentemente masculino, como em todo o mundo aliás, não é misógino ou hostil para as mulheres (ao contrário de algum *rap* americano, com demasiada presença nos média nas últimas décadas). É um contexto muito meritocrático, que acolhe quem trabalha e mostra qualidade, independentemente da origem, sexo, cor, classe, etc. E há que sublinhar que o facto de existirem poucas mulheres no *hip hop* (como em outros estilos de música), se deve mais ao facto de, na nossa cultura patriarcal, não socializarmos as mulheres para a conquista do espaço público, para a competitividade, para o espírito de iniciativa, para dar opiniões, para a liderança e para todas essas características essenciais, não apenas ao *rap*, ao *rock*, ao *punk*, etc., mas também à política, à gestão das grandes empresas, ao desporto de alta competição e em muitas outras esferas.

É verdade que o *hip hop*, enquanto cultura, e o *rap* enquanto sua expressão musical, nasceram nos bairros das comunidades negras de Nova Iorque no final dos anos 70, mas também é notório que depressa se disseminaram por todo mundo e que, hoje, pelo seu enorme potencial de apropriação local, se tornaram num fenómeno pulverizado que, em cada contexto, ganha contornos particulares e novas diversidades. Assim sendo, existe uma variedade infinita de gente por todo o mundo que se identifica com a cultura *hip hop* e Portugal não é exceção. Os *rappers* e ouvintes de *rap* são de várias origens, idades e classes, com estilos variados e preferências também elas muito díspares. Uns gostam de *rap* dito “comercial”, outros de *rap* de “intervenção”, outros ainda de “gangsta rap”. Há *rappers* “nerds” no Ribatejo, *rappers* que praticam a “punchline” cómica e competitiva em Loulé, *rappers* do Porto que gostam da escrita mais esotérica e espiritual, e outros que

falam da rua, do crime, de mulheres e até do próprio *rap*, havendo mesmo de tudo e para todos os gostos!

E mesmo que a esmagadora maioria dos *rappers* fossem adolescentes, negros, de um bairro do subúrbio, com pouca escolaridade e com ligações à economia paralela, ainda assim, seria muito preconceituoso (para usar um eufemismo bem suave) depreciar o gênero *hip hop*, com base em critérios de foro “demográfico”, quando é sabido que o *rap* é de grande valia, sobretudo nesses meios, não só para a pacificação juvenil e para o reforço da autoestima coletiva, em contextos estigmatizados, mas sobretudo para servir de voz ativa de denúncia e reportagem, dos principais problemas que afetam essas comunidades “invisibilizadas”.

Na lógica dominante, o meu *rap* parece escapar completamente ao perfil pré-estabelecido e muitíssimo redutor de rapper “normal”, pela sua linguagem cuidada, pelo registo mais metafórico, pela sua aura poética e acessível a vários públicos, é tido como muito diferente do “resto”. Os média apresentam-me sucessivamente como uma “exceção”, louvando-me na diferença, em relação aos meus pares, numa depreciação velada da sua música (mesmo sem conhecimento de causa, na grande maioria dos casos). Assim, sinto que este “namoro” dos média, enquanto louva as minhas qualidades por comparação à tal “norma”, estabelecida num estereótipo preconceituoso, não só desprestigia a minha “comunidade”, como me arranca dela à força, unilateralmente. E por muito que eu reforce a minha integração confortável nesta “salada de fruta” que é o *hip hop* nacional e desconstrua os mitos, lembrando que as respostas para alguns deles estão mais acima (no patriarcado, no colonialismo, no capitalismo, na segregação, no preconceito e na ignorância), sinto-me demasiado pequena para mudar o discurso dominante sobre o *hip hop*. Mesmo que tantas vezes repita a grande diversidade e qualidade, que caracteriza o trabalho de muitos dos meus pares (dos mais visíveis aos mais *underground*).

Não deixa de ser irónico saírem permanentemente do *hip hop* as “provas em contrário” (através de mim e de muitos como eu), enquanto a aceitação mediática de um ou outro, esporadicamente, parece ser sempre seletiva e pautada pela lógica da “exceção”, além de eternamente insuficiente para destronar a ideia pré-formada da tal maioria imaginária que prevalece, quando a diversidade real se mantém no *underground* por falta de “tempo de antena”. É frustrante estarmos sempre a tentar abrir espaço para a nossa cultura, quando a estreita abertura que nos deixa passar a conta-gotas, parece querer sempre fechar-se à nossa passagem. E é injusto que do louvor ao meu trabalho venha o desprestígio da cultura que me acolheu, formou e fez nascer enquanto artista.

Por muito que as cíclicas modas, que atiram o *hip hop* para os média, vão e voltem recorrentemente, parece que a banalização dos mesmos estereótipos vai prevalecendo, restando o velho preconceito e a sua abertura seletiva para a próxima “exceção”. Consciente de tudo isto, às vezes temo ficar realmente desgarrada e que seja precisamente este favoritismo mediático (que tanto me tem ajudado a promover o meu trabalho) a transformar-me no tal sapato que não tem lugar na fruteira. O *hip hop* nasceu para unir os bairros, para unir as pessoas, na sua diferença. É na sua diversidade que me sinto bem. Quando com 15 anos escolhi para mim o “rótulo” do *hip hop* e com ele construí a minha identidade de adolescente, foi precisamente para retirar poder aos critérios de distinção dominantes e roubar para mim o poder de me definir, individual e coletivamente. Ainda hoje o prefiro. Para me situar e, sobretudo, para me posicionar. Faço questão de não prescindir desse poder.

4. Proposta de trabalho: as canções de Capicua sob o escrutínio dialógico de Bourdieu

Medo da rotina e da responsabilidade,/ Medo de ficar para tia e medo da idade,/ Com isto compro mais cremes e ponho um alarme,/ Se não tiver um gorila à porta de vigília,/ Compro uma arma,/ Agarro a mala,/ Defendo o meu domínio,/ Protejo a propriedade que é privada e invade-me a vontade de por grade à volta da realidade, do país e da cidade,/ Eu tenho tanto medo.../ Nós temos tanto medo.../ Eu tenho tanto medo.../ O medo paga a farmácia,/ Aceita a vigilância,/ O medo paga à máfia pela segurança,/ O medo teme de tudo por isso paga o seguro,/ Por isso constrói o muro e mantém a distância!/ Eles têm medo de que não tenhamos medo. (Medo do Medo, Capicua, 2012)

O exercício que se procura fazer poderia, tendo em conta o material analisado, consistir unicamente na análise descritiva dos temas das canções objeto de estudo - tarefa necessária e primordial e, por tal, condição primeira para que o que partilhamos possa ser possível. Não obstante, a nossa análise pretende ir mais além, ao procurar demarcar uma perspetiva, ainda em construção, no que respeita à inter-relação que existe, e que se procura potenciar precisamente através da análise, entre a arte - entendida no seu campo vasto e amplo, no qual se enquadram, se não todas, variadíssimas manifestações desde o cinema, a literatura, a plástica/visual a *street art*, até à música - e as ciências sociais, nomeadamente a sociologia. Pretende-se, então, recolocar, de certo modo epistemologicamente, os posicionamentos daqueles dois domínios, numa perspetiva dialógica, onde a arte, mais do um espelho ou reflexo da realidade social, é, ela própria, criadora de ação, produtora de conhecimento ao suscitar a emergência de problemáticas que se fazem refletir na própria realidade social (Chepp, 2015). O que se pretende é reforçar a necessidade de um renovado entendimento epistemológico (Guerra *et al.*, 2015; Silva e Guerra, 2015; Guerra e Silva, 2014; Guerra, 2016; Guerra e Januário, 2016) sobre o campo das artes, enquanto produtor de conhecimento ao representar de forma própria e autónoma a realidade social, interferindo nesta, e ao condicionar e gerar análises e interpretações no seio do conhecimento instituído. Assim, pretendemos demonstrar como os movimentos sociais encontram recursos na música, confirmando a importância das representações coletivas em relação à ação coletiva: neste quadro, a música é uma atividade social através da qual novas formas de identidades e práticas sociais afloram (Eyerman e McCormick, 2006).

Assim, os estudantes são desafiados a analisar por grupo de trabalho uma canção da Capicua segundo três linhas fundamentais. A primeira considera que o discurso de crítica política e social originado na imaginação artística sendo eficaz em qualquer contexto, assume uma maior acomodação em tempos de crise sistémica mostrando uma relação dialógica - assim gerada - entre arte e sociedade. Numa segunda linha, a presença da contemporaneidade social na imaginação artística é menos um fator de contingência do que um ambiente mais geral - uma atmosfera que permeia tanto a sensibilidade dos criadores (autores e intérpretes) ou a sensibilidade do público, ou mesmo ambos. Numa terceira linha, existe um dinamismo interno das canções ínsito aos projetos autorais em que se inscrevem, demonstrando especificidades, singularidades inerentes aos (sub)campos artístico-musicais em presença, subgéneros musicais - neste caso - e suas historicidades e autonomias relativas. Assim, a arte e a sociedade têm uma autonomia recíproca que as torna interdependentes. Tal aponta para os trabalhos de investigação sobre músicas relevantes levado a cabo por Lucy Green em 1997. Ao contrário de Adorno, Lucy Green mostrou-nos como, descrevendo as músicas, os seus entrevistados estavam simultaneamente a constituir aspetos do mundo social, ou seja, os seus atos de

envolvimento musical - expressão de ideias acerca do que parece ser musicalmente correto - foi simultaneamente um ato de reforço de determinadas relações sociais, mas sobretudo de criação de uma representação e um conhecimento acerca delas (Green, 1997; DeNora, 2003), mostrando bem como a capicua e Bourdieu têm mais proximidades do que à primeira vista se poderia pensar.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de (2007) - Velhos e novos aspectos da epistemologia das ciências sociais. *Sociologia, Problemas e Práticas*. N.º 55, p. 11-24.
- BECKER, Howard S. (1967) - Whose Side Are We On?. *Social Problems*. Vol. 14, n.º 3, p. 239-247. ISSN 1540-4560.
- BOURDIEU, Pierre (1988) - Penser la politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 71, n.º 1, p. 2-4.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude; CHAMBOREDON, Jean-Claude (1999) - *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Editora Vozes.
- BURAWOY, Michael (2006) - Por uma Sociologia Pública. *Política & Trabalho*. Vol. 25, p. 9-50.
- BURAWOY, Michael (2007) - Open the Social Sciences: To whom and for what?. *Portuguese Journal of Social Science*. Vol. 6, n.º 3, p. 137-146.
- BURAWOY, Michael (2012) - Sociology as a Combat Sport: Bourdieu Meets Bourdieu. In BURAWOY, Michael; von HOLDT, Karl (orgs.) - *Conversations with Bourdieu: The Johannesburg Moment*. Johannesburg: Wits University Press.
- CAPICUA (2012a). Medo do Medo. *Capicua*. Lisboa, Optimus Discos. Álbum (CD).
- CAPICUA (2012b). *Medo do Medo*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=F9VImmVLZJo>.
- CHEPP, Valerie (2015). Black feminism and third-wave women's rap: A content analysis, 1996-2003. *Popular Music and Society*. Vol. 38, n.º 5, p. 545-564.
- DENORA, Tia (2003). Music sociology: getting the music into the action. *British Journal of Music Education*. Vol. 20, n.º 2, p. 165-177.
- EYERMAN, Ron; MCCORMICK, Lisa (eds.) (2006) - *Myth, meaning, and performance: Toward a new cultural sociology of the arts*. Boulder, CO: Paradigm.
- FERNANDES, Ana Matos (2015) - A lógica da exceção: *hip hop*, género e a minha relação com os média. In GUERRA, Paula (org.) - *More Than Loud. Os mundos dentro de cada som*. Porto: Afrontamento.
- GREEN, Lucy (1997) - *Music, gender and education*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GUERRA, Paula (2017) - *A canção ainda é uma arma: ensaio sobre as identidades na sociedade portuguesa em tempos de crise*. NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SILVA, Jaison Castro; FERREIRA DA SILVA, Ronyere (orgs.) - *História e Arte: Teatro, cinema, literatura*. Teresina: EDUFPI.
- GUERRA, Paula; JANUÁRIO, Susana (2016) - Um espelho é mais do que um espelho. *Revista NAVA. Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*.
- GUERRA, Paula; SILVA, Augusto Santos (2014) - Music and more than music: The approach to difference and identity in the Portuguese punk. *European Journal of Cultural Studies*. Vol. 18, n.º 2, p. 201-223.
- GUERRA, Paula; SILVA, Augusto Santos; SANTOS, Helena (2015). Inequality and the artistic imagination: how the Portuguese culture is dealing with the Portuguese crisis. In *ESA 2015 12th Conference of the European Sociological Association - Differences, Inequalities and Sociological Imagination*. Praga (República Checa), 25-28 agosto 2015. Institute of Sociology of the Czech Academy of Sciences e European Sociological Association. URL: <http://programme.esa12thconference.eu/presentation/1946>.
- PEDRO, Ana Navarro (2002) - Morreu Pierre Bourdieu, um sociólogo de combate. *Público*. Disponível em: <<https://www.publico.pt/culturaipsilon/jornal/morreu-pierre-bourdieu-um-sociologo-de-combate-166705>>.
- PINTO, José Madureira (2013) - A sociologia perante a crise: quatro ideias para um debate. *RES*. N.º 19. p. 141-152.
- SCOTT, John (2005) - Who will speak, and who will listen? Comments on Burawoy and public sociology. *The British Journal of Sociology*. Vol. 56, n.º 3, p. 405-409.
- SILVA, Augusto Santos; GUERRA, Paula (2015) - *As palavras do punk*. Lisboa: Alêtheia.
- TRUC, Gêrôme (2002) - Vous consultez La sociologie est-elle un sport de combat? L'image du sociologue en Pierre Bourdieu (note critique). *Terrains & travaux*. Vol. 3, n.º 1. p. 63-88.

A Sociologia é um Desporto de Combate



23 de Maio de 2012
18h00 - sala 308

18h00 - Abertura
18h05 - Exibição do documentário de Pierre Carles
19h15 - Comentário de Ana "Capicua" Matos Fernandes, Socióloga/MC hip-hop
19h35 - Debate

Organização: Agostinho Lisboa, Izabela Romanoff, Joana Anselmo, Paulo Guerra e Vânia Pinheiro

Correntes Actuais da Sociologia II



U. PORTO UNIVERSIDADE DO PORTO FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA DS-FLUP



**LUTAS E COMBATES:
A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU**

UNIDADE CURRICULAR DE CORRENTES ACTUAIS DA SOCIOLOGIA II
SALA 308 - 29 DE MAIO DE 2013, 17:30 PM

